

A História de Rita: Mulher, Alcoólatra e Trabalhadora Doméstica

Autores

Fernanda Tarabal Lopes

Titulação: Doutorado em Administração

Instituição: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG

Correio eletrônico: fernandatarabal@hotmail.com

Endereço: Rua Gonçalves Dias 707 / 802. Bairro Funcionários. Belo Horizonte - MG. CEP: 30140-091

Ana Paula Paes de Paula

Titulação: Doutorado em Ciências Sociais

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Correio eletrônico: appp.ufmg@gmail.com

Endereço: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Administrativas.

Av. Antônio Carlos, 6627 - sala 4033. Pampulha. Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar a história de Rita. Rita é uma ex-empregada doméstica, ex-alcoólatra. Essa atividade de trabalho foi a desempenhada por ela na maior parte de sua trajetória profissional, trajetória na qual é intensificado fortemente seu problema com o alcoolismo. Com a apresentação desse caso, nosso intuito é demonstrar como a organização do trabalho está diretamente relacionada ao fenômeno da toxicomania, e assim refletir sobre a questão da saúde mental no trabalho, especificamente no que tange ao uso de álcool e outras drogas, fenômeno que se torna cada vez mais eminente na atualidade. Outra reflexão que objetivamos com a apresentação do caso de Rita diz respeito ao gênero, às singularidades da mulher no mundo do trabalho, mais especificamente, à condição da trabalhadora alcoólatra. Agregado ainda a essa discussão, tem-se a categoria profissional da empregada doméstica, as condições de opressão e desigualdade aí inculcadas, e todos os demais aspectos que iremos apresentar no decorrer do trabalho.

As reflexões que procuramos tratar aqui são oriundas de uma pesquisa mais ampla, na qual buscou-se refletir sobre a relação entre trabalho e toxicomania. Nesta foram recolhidas histórias de vidas de também outros sujeitos; o fio condutor dessa investigação baseou-se, como linha principal, no estabelecimento de sentido para o fenômeno da drogadição em sua relação com o trabalho. Trata-se de uma pesquisa que teve parte de seu campo realizado na França, com histórias de trabalhadores franceses, parte no Brasil, com histórias de trabalhadores brasileiros, como é o caso de Rita.

Além deste objetivo central, a pesquisa mais ampla se orientou também em relação às seguintes questões: compreender o uso de drogas no ambiente de trabalho, refletindo de forma aprofundada sobre os mecanismos relacionados a este fenômeno, com o intuito de apontar caminhos para o enfrentamento da questão, por parte tanto dos trabalhadores como das organizações; resgatar as histórias de vida dos sujeitos participantes da pesquisa, compreendendo-as em seu sentido mais amplo, e não apenas com foco da problemática central do estudo; analisar a influência do trabalho, por sua faceta de prazer e de sofrimento, nas subjetividades dos sujeitos; compreender como as atuais configurações sociais e as transformações no mundo do trabalho repercutem no sujeito, ou seja, abordar o(s) sujeito(s) da pós-modernidade; refletir sobre formas de superação em relação tanto ao fenômeno da toxicomania como às formas de opressão no ambiente de trabalho. Foi com base nesse cenário que desenvolvemos as análises aqui tratadas.

O artigo se organiza da seguinte forma: na próxima seção serão apresentadas reflexões sobre o sujeito, o trabalho e as drogas, tendo como pano de fundo o referencial teórico da psicodinâmica do trabalho, orientação teórica considerada neste artigo. Em seguida, apresentaremos a metodologia de história de vida, utilizada nessa investigação como caminho para a obtenção das análises almejadas. Posteriormente apresentaremos o caso de Rita, para então, por fim, concluirmos com as reflexões finais e contribuições do trabalho.

2. O sujeito, as drogas, o trabalho

O uso de substâncias psicoativas pelos homens é longínquo e se faz presente ao longo de grande parte da história da humanidade. Carneiro (2009) destaca a relevância das substâncias psicoativas ao longo da história, seja no papel dos grandes analgésicos, os inimigos da dor física e espiritual, os grandes aliados do sono tranquilo, como também em seu oposto, os estimulantes e provedores de energia para a caça, o combate e a resistência cotidiana dos males e incômodos da vida. O autor defende que a questão do uso de drogas não se restringe apenas a um “problema”, mas, sim, faz parte da cultura humana há milhares de anos como instrumento de estímulo, consolo, devoção, diversão e intensificação do convívio social.

É necessário se observar os aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais envolvidos no uso de substâncias psicoativas. Oliveira (2007) afirma que, por se negligenciar tais fatores, há, muitas vezes, uma dificuldade em se identificar os efeitos do uso dessas substâncias e suas repercussões na sociedade, como nas relações com emprego, educação e pobreza.

Sobre a relação entre drogas e trabalho, é interessante destacar que o uso de drogas pelos trabalhadores antes, durante ou, mesmo, após a jornada de trabalho é uma constatação que vem crescendo cada vez mais. Molivi (2003) destaca que o uso de drogas no local de trabalho é um problema mundial de saúde pública. Além dos inúmeros prejuízos que o uso da substância química traz ao trabalhador, há grandes repercussões também para as organizações.

A cada dia que passa tem se comprovado que o consumo de álcool e drogas tem afetado a vida de boa parte dos 82 milhões de trabalhadores brasileiros. As empresas também têm tido prejuízos enormes. Segundo cálculos do Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID), o Brasil perde por ano US\$ 19 bilhões de absenteísmo, acidentes e enfermidades causadas pelo uso do álcool e outras drogas. Estatísticas recentes apontam o Brasil entre os cinco primeiros do mundo em número de acidentes no trabalho. São em média 500 mil por ano e 4 mil deles resultam em mortes. (MOLIVI, 2003)

Karam (2003) expõe a importância de se considerar a dimensão política, na qual se insere o trabalho, para a compreensão da toxicomania. Segunda essa autora, vivemos atualmente um quadro de sofrimento, que se relaciona às configurações da sociedade contemporânea, ligadas à cultura da competitividade, ao narcisismo e ao egoísmo, características fortemente presentes no mundo organizacional e do trabalho. Este quadro conduz a uma embriaguez social, na qual a busca pela sedação do sofrimento é uma constante.

Dentre os motivos que levam o indivíduo a essa busca de sedação do sofrimento, destaca-se o trabalho. Entende-se aqui o trabalho enquanto condição da construção do ser humano e por sua centralidade na vida homem. Entende-se ainda esta atividade pela riqueza e complexidade de sua dinâmica, que pode se configurar ora enquanto fonte de prazer, ora enquanto fonte de sofrimento, ora enquanto ambos. Para o entendimento desta complexidade, é necessário compreender a subjetividade humana, a qual se constrói, ao mesmo tempo em que é construída, nas situações concretas de trabalho.

Dejours (1993) destaca que, ao abordar a relação do homem no trabalho, o que se tem como referência são dinâmicas tanto de processos psíquicos como de processos sociais. Assim, o autor destaca que o funcionamento psíquico do homem não é divisível. Na medida em que o trabalhador se orienta contra o sofrimento no trabalho, ele mobiliza toda a sua bagagem subjetiva. “O homem que está engajado em estratégias defensivas para lutar contra o sofrimento no trabalho não abandona seu sofrimento psíquico no vestiário” (DEJOURS, 1993, p. 103). O autor destaca que toda a economia familiar é convocada como auxílio e forma de enfrentamento das contrariedades da situação de trabalho.

Essas e outras questões são algumas das preocupações da psicodinâmica do trabalho. A psicodinâmica do trabalho consiste, em síntese, em uma abordagem que se volta para análise subjetiva do homem em situações de trabalho. A proposta atual dessa disciplina busca ir além da análise psicopatológica do trabalho, debruçando-se sobre a análise psicodinâmica das situações laborais.

Uma das características que situa a psicodinâmica do trabalho como uma disciplina que vai além da psicopatologia consiste no foco na normalidade enquanto objeto. Tal perspectiva aborda então não apenas o sofrimento, mas ainda o prazer no trabalho, não apenas o homem, mas também o trabalho, não apenas a organização do trabalho, mas as situações de trabalho nos detalhes da sua dinâmica interna (DEJOURS, 1993). Nessa busca, a

psicodinâmica adota um posicionamento análogo ao da psicanálise, pois se volta para o trabalho analítico e remete à questão da ação dos próprios trabalhadores, aflorando o sentimento das situações subjetivas. “Está claro que a psicopatologia do trabalho apóia-se em um modelo do homem e da sua subjetividade que é tomado da psicanálise” (DEJOURS, 1987, p. 110)ⁱ.

Constituem-se em pautas de discussão dessa disciplina: Porque o trabalho ocupa um lugar central na construção da saúde mental? Porque esta centralidade é em geral fortemente sub-estimada? Qual a relação entre o prazer e o sofrimento vivenciados no trabalho? Que aporte essa dinâmica apresenta no fenômeno do reconhecimento? Qual a importância da cooperação e como esta pode operar na luta contra o sofrimento no trabalho? Quais são as questões psíquicas do trabalho e de que forma elas se constroem na discussão de uma clínica do trabalho contemporânea? (MOLINIER, 2008)

Dentre estes desdobramentos, um ponto de destaque consiste na compreensão de sob quais condições intra e intersubjetivas o prazer é possível numa situação de trabalho e como este se revela como um operador central na construção da saúde mental. Por esta via faz-se também a compreensão do sofrimento. Assim, os estudiosos do campo da psicodinâmica do trabalho destacam que não é possível a compreensão das “questões psíquicasⁱⁱ” do trabalho sem a compreensão das “questões sociaisⁱⁱⁱ”, visto que a psicodinâmica do trabalho se inscreve dentro do paradigma das ciências críticas da sociedade.

O resgate à subjetividade e história de vida dos sujeitos, ao qual tomamos por base a psicodinâmica do trabalho e sua compreensão do trabalho humano, é também necessário à compreensão da toxicomania em sua interface com o trabalho. A toxicomania resplandece como sintoma de uma história de vida, história que forma o sujeito psíquico e que se ancora nos fenômenos sociais. Desse modo encontra também respaldo fundamental no trabalho. Essa relação pode ser esboçada na tríade abaixo, estruturada com foco no sujeito toxicômano.

Figura 1: Tríade sujeito, trabalho e toxicomania



Fonte: Elaborada pelos autores, inspirado no *triângulo da psicodinâmica do trabalho* (DEJOURS, 1993).

Nesse esquema, a toxicomania se estabelece tanto pelas construções do sujeito psíquico como por aquelas que se estabelecem no plano do social no caso, o trabalho. De forma semelhante, o trabalho media e é mediado pela toxicomania (enquanto sintoma da relação entre o plano psíquico e social) e pelo próprio sujeito psíquico, que também é mediado por estas relações. Essa tríade emerge das histórias de vida, que são construídas nas experiências de formação do psiquismo e nas experiências advindas do plano do social, com destaque para o trabalho, e pelas experiências advindas do uso de drogas. O círculo representa

a inter-relação desses conceitos, que não são passíveis de apreensão quando concebidos de forma estanque ou sem a devida importância ao dinamismo desse processo.

3. Conte-me sua história?

A metodologia utilizada neste trabalho foi a de história de vida. Dentre as muitas modalidades do uso de dados biográficos, este trabalho versa sobre a história de vida na perspectiva da Psicossociologia e da Sociologia Clínica, **em que a história de vida se apresenta como material privilegiado de pesquisa, enquanto material primário, e não de segunda categoria.**

Nessa perspectiva, a história de vida não se presta a um caráter meramente ilustrativo ou, como é comumente utilizada, por recortes de trechos de histórias que elucidam teorias. Para Ferraroti (1990, p. 30), a pesquisa em história de vida abre uma nova fase de pesquisa em ciências sociais, na qual o método não se coloca “como conjunto de elementos ilustrativos do que já é conhecido, apêndice facultativo sob a forma qualitativa de resultados adquiridos por meio das técnicas de standardização de medidas exatas”.

Mesmo com a diversidade de abordagens e disciplinas que tratam do assunto, é na vertente da Psicossociologia e da Sociologia Clínica que se dão a análise e compreensão da “personalidade biográfica”, que se relaciona ao modo como os indivíduos são autores de sua própria biografia, sendo ao mesmo tempo transformadores das condições sócio-históricas que a regem (BARROS; MIRANDA, *em vias de publicação*). Esse olhar, que é, em geral, carente nas outras disciplinas, constitui uma grande contribuição ao se considerar as histórias de vida como pesquisa.

Sobre o motivo da escolha desta metodologia, destaca-se também um posicionamento segundo uma perspectiva reflexiva sobre o conhecimento – conhecimento que não é dado *a priori*, mas construído ao longo do processo de investigação. Busca-se, então, aproximar-se da organização complexa da realidade, tentando superar a ilusão de validade ou a legitimidade de um conhecimento por sua correspondência linear com dados factíveis, o que resultaria em fragmentação e simplificação da realidade social (GONZÁLEZ REY, 2005). Intenta-se buscar a construção do conhecimento, dando voz ao sujeito por meio do “contar sua história”, modo pelo qual se intenta compreender a perspectiva do sujeito sobre si e os fatos sociais, com base em sua própria capacidade de análise. Além disso, a partir das histórias de vida objetiva-se compreender a realidade sócio-histórica na qual se inserem os sujeitos, buscando demonstrar como estes, ao mesmo tempo em que a modificam, são modificados por ela, bem como compreender como as questões universais aparecem nas práticas individuais, e vice-versa.

O recolhimento da história de vida de Rita ocorreu no escritório central do grupo Alcoólicos Anônimos – AA, mais especificamente no escritório do Comitê de Área dos Alcoólicos Anônimos, ou ESL / BH - MG, sede que abarca a representação do grupo no estado de Minas Gerais. Neste local são realizadas as atividades de coordenação e planejamento geral do grupo, assim como as reuniões do Comitê Trabalhando com os Outros (CTO), que tem por finalidade organizar, estruturar, padronizar e facilitar a divulgação da mensagem de AA à comunidade em geral. Rita é membro desse comitê, atividade que desempenha após a jornada diária da outra atividade profissional que exerce: a de auxiliar de serviços gerais em uma empresa. As entrevistas de histórias de vida foram colhidas com Rita durante um período de 5 meses, com entrevistas quinzenais, que tiveram duração de uma hora a uma hora e meia cada uma. Os encontros foram encerrados pela necessidade do fechamento da investigação, e não pelo esgotamento do assunto em si (característica do trabalho com essa metodologia). Apresentemos, então, o caso.

4. A história de Rita

Rita tem 48 anos e participa do grupo de AA devido à sua questão com o alcoolismo. Com sérios problemas com a bebida alcóolica, agravados por volta dos 17 anos quando foi expulsa de casa, Rita relatou que se mantém sóbria há onze anos, período no qual começou a frequentar as reuniões do AA. Atualmente, executa serviços gerais em uma empresa, há aproximadamente um ano, mas a principal atividade profissional ao longo da maior parte da sua vida foi a de empregada doméstica.

Rita é a mulher mais velha de uma família de dez filhos e a sétima filha pela ordem de nascimento. De origem simples, pai alcoólatra e mãe também com costume de fazer uso de bebida regularmente, conta que começou a beber ainda criança, pois no Natal o pai dava um pouco de vinho para os filhos, para que eles não “aguassem”.

Depois, começou a beber mais do que aquele vinho do Natal, principalmente na adolescência. Bebia na escola, quando ia para o colégio. Bebia vodca com groselha porque não dava “cheiro nem gosto”. Aos 17 anos, teve uma “gravidez indesejada”, como conta, e o pai, por não aceitar aquela situação, expulsou-a de casa. Viveu um tempo na rua, período em que seu vício com a bebida intensificou-se fortemente: “E o meu pai vai e me colocou pra fora de casa. Eu, grávida, na rua, aí, bebi. Aí, fui bebendo, bebendo.” Seu período como moradora de rua durou até o momento em que foi para o hospital para o nascimento de seu filho. Em sua condição de moradora de rua e de alcoólatra, passou muito mal durante o parto. Foi levada por policiais ao hospital. No hospital disseram-lhe que o bebê nasceu morto. Sem a chance de nem ao menos ver seu filho, Rita acredita na possibilidade de seu bebê ter sido levado e de não estar morto, segundo a história que lhe contaram. Recusou-se até mesmo a dizer o nome do hospital na entrevista. Neste hospital, após passar pela cirurgia de cesariana, Rita conheceu Lúcia, a mulher que viria a ser sua futura patroa, que a acompanhou no hospital naquele momento. Lúcia sensibilizou-se com o caso de Rita e resolveu acolhê-la em sua casa, oferecendo-lhe um trabalho como empregada doméstica.

Rita descreve esse episódio:

Porque eu acho que quando eu fui internada eu morava na rua. Como é que eles iam me dar uma criança e eu voltar pra rua com criança no colo? Aí, foi aonde que eu conheci minha patroa, né. Minha patroa tava lá. Tinha levado num sei quem na época lá no hospital. Aí, eu tinha recebido alta e ela falou assim: “Essa menina vai pegar uma infecção na rua”. Aí, ele [um policial] falou assim: “**Então, leva pra você**”. Ela falou assim: “Eu vou levar ela comigo”. Aí, perguntou pra mim se eu queria morar com ela, trabalhar, ter um salário. Hoje, agradeço muito a Deus, porque tudo que eu passei Deus sempre me amparou, que mesmo eu morando na rua, eu nunca fui abusada sexualmente. Bebia muito, né, apagava, porque a minha fuga ali no momento era o alcoolismo. Grávida, não arrumava emprego. Então minha fuga era o alcoolismo, e na rua, porque a pessoa que mora na rua é triste demais. Hoje, se for pra mim morar na rua, acho que vou morrer, porque eles tão tacando é fogo, né?! **Aí, essa minha patroa foi e me pegou.** Foi onde é que ela me acolheu (Rita).

Na casa de Lúcia, Rita trabalhou dos 17 aos 45 anos, aproximadamente, com intervalos nos quais se ausentou da casa da patroa (como quando esteve em Santa Catarina, por doze anos, episódio que será relatado mais adiante). Enquanto trabalhou com Lúcia, Rita também residia em sua casa. Lá, após aproximadamente um ano de trabalho, ela engravidou novamente e deu a luz a Graziela, sua filha que hoje tem 28 anos. Rita é atualmente casada com um também membro de AA. Vive em uma casa, ela e o marido, em endereço próximo ao de Graziela.

Quando, há onze anos, foi levada até o AA, estava no “fundo do poço”, não tinha mais disposição para trabalhar e bebia cada vez mais. Necessitava beber cachaça assim que acordava:

Então, meu organismo tava tão acostumado com aquela pinga de manhã que eu tinha que tomar. E eu coloquei na minha cabeça que a pinga de manhã, pra mim, era o meu remédio. Se eu tomasse um copo de leite, eu passava mal, tremia, vomitava, e a pinga, não. A pinga me dava aquele ânimo, sabe (Rita).

Algumas falas de Rita exemplificam bem sua relação com a bebida e com este momento de sua vida que antecede sua procura pelo AA:

Aí, eu lembro, que um dia eu fui tão humilhada também. Eu tava com o dinheiro no bolso, eu fumava, aí, eu cheguei no bar, pedi o moço lá pra me vender uma pitchulinha de pinga. Ele não vendeu essa pitchula de pinga pra mim. Sabe, é uma garrafinha de pinga. Eu falo pitchulinha. É aquela garrafinha de pinga. E ele não vendeu essa garrafa de pinga pra mim. Falou: **“Some daqui! Vai embora”**. **Me tratou assim, como cachorro, lixo mesmo, porque a lata de lixo você põe ela pra dentro, né, e o bêbado você põe pra fora**. Aí, eu, com dinheiro, eles não me vendiam uma pinga. (...) Meus irmão tavam tudo muito chateado comigo, com a minha maneira de beber. Aí, eu não fazia nada do que aquilo que eu pensava. Aí, o pessoal chegava lá em casa e falava: “Oh, Dirceu, sua irmã tá caída lá em cima”. Aí, meu irmão ia me buscar. Eu tava urinada, defecada. Meu irmão me pegava, me levava pra casa. Aí, foi aonde que um dia eu pensei assim: “Quer saber, eu vou dar um fim na minha vida”. Que eu não tinha disposição pra nada. Eu não tinha disposição pra trabalhar, pra nada. “Eu vou dar um fim na minha vida”. Aí, foi aonde que eu coloquei na minha mente aquele dia que eu ia enfiar debaixo de um carro. E a minha irmã apareceu assim do nada (Rita).

Foi nesse momento da vida de Rita que sua irmã a conduziu para o grupo de AA e ela começou seu processo de interrupção da bebida. Durante seus estados mais graves do alcoolismo, Rita passou por situações de roubos, brigas e agressões físicas trocadas com outras pessoas, principalmente durante a embriaguez. Era como se visse um monstro dentro de si, em vista da agressividade de seus atos com os outros.

4.1 História profissional ou história familiar? - “Os melhores profissionais são os alcoólatras. Os melhores”.

Fazer uma separação entre o que é familiar e o que é profissional na história de Rita é algo delicado. Afinal, sua história familiar e sua história profissional são esferas diretamente imbricadas. A natureza da atividade de trabalho de Rita contribui bastante neste sentido: empregada doméstica morando na casa da patroa. Além disso, uma de suas patroas, a mais marcante em sua trajetória, assume papéis em sua vida para além da relação laboral. Discutiremos a questão mais adiante.

O trabalho como empregada doméstica é a atividade desempenhada por Rita na maior parte de sua vida. Mesmo antes do trabalho na casa de Lúcia, ela já fazia alguns “bicos” como faxineira diarista. No entanto, o trabalho mais marcante, que é enfatizado diversas vezes na fala de Rita, é aquele realizado na casa de Lúcia, onde ela iniciou suas atividades após sair do hospital, quando teve seu primeiro filho. Antes disso, foi moradora de rua por um tempo, durante a gestação, conforme já destacamos, e estudante.

Rita cursou até a 8ª série. Chegou a iniciar o segundo grau, mas foi expulsa, aos 16 anos, por perder aulas, falsificar a assinatura da mãe e dizer mentiras, dentre outros fatos. Foi a única dentre os irmãos a estudar em escola particular, em função de uma bolsa de estudos conseguida pelo pai e sorteada entre as filhas. Mas acabou perdendo a bolsa devido às atitudes comentadas.

O emprego como doméstica, inicialmente na casa de Lúcia, merece destaque. Rita morava na casa de sua patroa, mesmo local onde realizava suas atividades de trabalho. A relação de Rita com a patroa assemelha-se à de mãe e filha, na qual ela ocupava a posição de

receber cuidados de Lúcia. A patroa, além de cuidar dela cuidava de sua filha, Graziela. Durante seu trabalho na casa de Lúcia, Rita passou por muitas idas e vindas. Saiu para morar em Santa Catarina onde permaneceu por doze anos. Nesse período, Lúcia que acabou assumindo a maternidade da menina. Graziela chama, ainda hoje, Lúcia de mãe – “mãe Lúcia”. O nome da menina foi Lúcia que escolheu.

Mesmo durante as grandes crises de Rita com a bebida, Lúcia insistia em mantê-la por perto e em preservar seu emprego. O vínculo empregatício formalizado só ocorreu após considerável tempo em que Rita já estava no emprego. Antes disso, trabalhava sem carteira assinada e recendo uma remuneração abaixo do que lhe era de direito. Todavia, não via como injusto, pois tinha a casa e a comida, além do afeto da patroa, que lhe “tirou” da rua e a tratava como filha. Segundo Rita, a fala da patroa era: **“Eu tenho você como uma filha, não como uma empregada”**.

Dentre algumas idas e vindas da casa de Lúcia, quando Graziela contava com dois anos de idade, aproximadamente, Rita resolveu mudar-se de Belo Horizonte. Em conflitos com os patrões, devido ao uso abusivo do álcool, ela não aguentava o controle do patrão, marido de Lúcia: **“Falei assim: ‘Oh, você não é meu pai. [...] O senhor não é meu pai. Não vai me mandar e tudo’**. E o patrão respondia: **“Mas você está na minha responsabilidade, [...] então vai ter que me obedecer”**. Rita resolveu partir com uma amiga para o Sul e deixou Graziela aos cuidados de Lúcia, que pediu para ficar com a menina. Rita pensou: “Ah, já que essa menina tá bem agora, cuidada, vou viver minha vida”.

Sem rumo na vida, “como folha seca no vento”, como descreve, e de carona com um caminhoneiro, Rita chegou sozinha (pois no meio da viagem a amiga desistiu e voltou para Belo Horizonte) a uma cidade do interior de Santa Catarina. Ao chegar, Rita encontrou então Célia que, comovida com a história criada por Rita sobre como foi parar lá, convida-a Rita para trabalhar em sua casa como doméstica. Em condições de trabalho semelhantes àquelas vividas na casa de Lúcia, como falta de pagamento adequado, ausência de registro em carteira de trabalho e residindo na casa da patroa, Rita permaneceu por doze anos nesse emprego. Célia era casada e tinha três filhos. Rita assumiu assim as tarefas domésticas do lar e de babá das crianças.

Neste emprego Rita desenvolveu uma relação patroa/mãe, patrão/pai, empregada doméstica/filha, bastante similar àquela construída na casa de Lúcia. Passados doze anos, Rita resolveu voltar para Belo Horizonte. Em sua volta, reencontrou a filha que a reconheceu. Contou que estava em um bar, bebendo para tomar coragem de chegar à casa de Lúcia e rever a filha. E Graziela a reconheceu ali: “Você é a Rita? Sou sua filha”. Disse que não era aquela a cena dos seus sonhos. Não queria que a filha a reencontrasse num bar. A cena que imaginava era a filha chegando, **ela a esperando na cozinha da casa de Lúcia e esta dizendo: “Graziela, vai lá ver quem está na cozinha te esperando”**.

Nesse retorno, Lúcia acolheu novamente Rita, que voltou a trabalhar em sua casa, lá permanecendo cerca de doze anos.

Após uma saída difícil da casa de Lúcia, Rita começou a trabalhar em uma empresa, prestando serviços gerais de limpeza. Sobre as dificuldades relacionadas ao rompimento deste vínculo, Rita contou que todas as vezes que ia falar sobre a saída acontecia algum fato que a impedia de dizer. Em uma das vezes procurou a patroa para conversar sobre sua saída, encontrou-a rezando. Assim que começou a falar a patroa disse: “Estava rezando, pedindo para que você nunca me abandone”. Rita disse que chegou a perder uma vaga de emprego porque não tinha coragem de dizer à Lúcia sobre sua vontade de sair, pois sempre que pensava em abordar o assunto Lúcia argumentava sobre o desejo de que Rita nunca a abandonasse. Certo dia, Rita tomou coragem e disse à Lucia que ia sair do emprego. Lúcia disse para ela ir, mas que iria **torcer para não dar certo**, para ela voltar. Segundo relatou Rita, Lúcia chegou a passar mal de saúde após sua saída:

Em várias entrevistas, Rita ressaltou as dificuldades em sair da casa de Lúcia: “Eu deixei o emocional passar na frente. Eu gosto dela, eu amo ela tanto que eu não tinha coragem de deixar”. As dificuldades de Rita em romper com este vínculo ligam-se a diversos fatores, mas prioritariamente, ao vínculo maternal que Rita estabeleceu com Lúcia:

Falei pra ela que se eu ganhasse na Mega Sena não ia sair da casa dela, não, mesmo sendo podre de rica. Mas procê ver como é a emoção, sabe, então eu deixei falar muito na frente, porque é o carinho, **o amor que eu não tive da minha mãe ela passou pra mim, e nós tivemos um elo muito forte nas duas, né?** E amigas. Então, assim, eu deixei o emocional... (Rita).

Tais tentativas de rompimento ocorreram em diversos momentos da vida de Rita. São cortes que se dão processualmente. Antes da ruptura maior, representada pela saída recente para trabalhar na empresa, Rita deixou de morar na casa da patroa (mas ainda lá continuou trabalhando), quando se casou com um companheiro de AA. Lúcia e o marido são padrinhos de seu casamento. Essa saída foi um corte difícil para Rita, que não queria casar, que queria só “ficar”, sem compromisso sério. Foi pelo desejo do noivo que acabou concordando. Mesmo casada, prosseguiu o vínculo com a moradia, pois Rita foi morar no barracão dos fundos da casa da irmã de Lúcia, que ficava grande parte do tempo nos Estados Unidos e precisava de alguém que tomasse conta da casa. Assim, Rita morou ainda um tempo nessa condição, sem pagar aluguel, contribuindo com despesas de água e luz, e ligada, de certa forma, à patroa. A ruptura mais forte ocorreu mesmo na saída do emprego. No trecho seguinte Rita descreve essa dificuldade e, também, a precariedade de seu vínculo de trabalho:

Quando eu saí de lá, eu pensei que não ia aguentar aquele outro lugar, porque eu sentia muita falta Por isso que eu falo, é todo dia, todo aí a convivência. Outro dia, eu fui, eu trabalhava lá na casa da dona Lúcia. **Era domingo e tava lá, férias. Eu tirava minhas férias, eu ficava lá.** Pessoal, fico assim “Gente isso não pode não, que na hora que uma morre...”. Meu marido falava: “Na hora que uma morre, a outra morre atrás. Cê tem que desligar. Pode ser assim, não. Eu sei que você tem gratidão, cê gosta muito dela. Continue tendo muita gratidão, continue gostando dela, só que você tem que seguir seu caminho. Não pode ficar bitolada aí”. Ah é porque me ajudou, foi ela que me estendeu a mão. “Não pode ser assim. Cê tem que seguir seu caminho. Tenho certeza que ela vai ficar feliz” (Rita).

Rita relata que mesmo em suas férias, ou finais de semana, ficava por perto, na casa de Lúcia, e chegava mesmo a trabalhar para a patroa, escondida do patrão que desabonava isso:

Eu trabalhei na dona Lúcia tantos anos! Eu nunca faltei no serviço, nem nas minhas férias. Eu ia pra lá domingo... eu ia pra lá. Ela ficava assim olhando o portão. “Que se o seu João (patrão) vir a senhora, fala, viu?” **E eu ia nas minhas férias, eu passava roupa, lavava banheiro pra ela lá.** (Rita)

Por que, Rita? (entrevistador)

Porque eu ia lá ajudar ela... [...] O meu patrão é muito certinho: férias é férias. E se acontece alguma coisa de eu cair no banheiro ali e machucar? [...] Aí, o Ministério do Trabalho vem e “ó” no meu patrão. Ela ficava assim olhando, eu limpava banheiro pra ela, passava pano em casa, passava a roupa, e nós fazia tudo escondido. Eu e ela, né? Aí teve até um dia que ele chegou lá e eu tava lá. Ele: “Uai! Que cê tá fazendo aí?”. “Não, é que eu tava fazendo uma visita pra dona Lúcia” (Rita).

A patroa tinha problema de coluna. Por isso, Rita sentia-se responsável em ajudá-la na limpeza durante suas férias, mesmo com uma faxineira que ia duas vezes na semana. A patroa era obsessiva com a limpeza: “doença, que tinha até que fazer tratamento, da limpeza que as pessoas têm que ter tudo limpinho”.

Segundo Rita, o que o que a fez sair da casa de Lúcia foi uma vontade de crescer, de progredir profissionalmente: “É a melhora do emprego, porque onde eu tô, eu posso estudar e crescer lá dentro. E o meu pensamento é esse, crescer”.

Atualmente, Rita trabalha, há cerca de um ano, em uma empresa privada responsável pela manutenção dos veículos do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), realizando serviços gerais. Anteriormente, trabalhou por cerca de um ano em outra empresa, no cargo de assistente de cozinha e, posteriormente, como cozinheira (o primeiro emprego que teve quando saiu da atividade de empregada doméstica, na casa de Lúcia). Esta empresa fornecia refeições para hospitais e cadeias/presídios. Rita trabalhava dentro de um presídio, o que a desagradava, pois achava perigoso. Quando teve a oportunidade de mudança, deixou este emprego.

Em seu emprego atual, Rita desenvolve atividades ligadas majoritariamente à limpeza geral: limpeza dos banheiros, escritórios e outras acomodações. Trabalha na garagem, onde ficam estacionadas as ambulâncias e onde ocorre o trabalho de manutenção, como troca de óleo. Neste local trabalham cerca de 60 pessoas. Conta que: “era meu sonho trabalhar em empresa”.

A relação de Rita com sua chefe atual, segundo seu relato, é mais madura e profissional que aquelas desenvolvidas outrora. No entanto, ainda hoje mantém alguns padrões das relações anteriores. Nesse sentido, relata situações que demonstram os sentimentos de afetos que nutre pela chefe, ligados a amizade, intimidade e, também, cuidados e atenção que recebe da chefe, que acaba atuando no imaginário de Rita como uma cuidadora.

Em uma de nossas últimas entrevistas, Rita relatou a possibilidade de mudar de função. Contou que a recepcionista seria promovida para trabalhar no Departamento de Pessoal e que ela seria indicada substituí-la na função, pois a empresa mantém a política de nessas situações valorizar e dar oportunidades aos funcionários da casa. Contou com muita satisfação esta notícia, pois seria a primeira vez que teria a oportunidade de desempenhar atividades que não estivessem ligadas a serviços de faxina e/ou cozinha. Ressaltou a expectativa de trabalhar de roupa social, sapato de salto, etc. No entanto, em nossa última entrevista, Rita relatou que sua promoção não ocorreu, pois como ela havia mudado de casa, o horário de trabalho do novo cargo não era compatível. Disse que “abriu mão” da oportunidade e que não estava tão triste pois “quis dar chance para a outra menina”, uma novata que entrou na empresa. Percebeu no relato deste acontecimento sua dificuldade: seja no enfrentamento do novo, seja talvez em assumir a frustração de não ter conseguido a promoção.

A mudança de casa foi narrada por Rita com grande entusiasmo. Dentre os motivos da alegria, ressalta, o fato de ter saído do aluguel e a possibilidade de estar mais próxima da filha, que agora é sua “vizinha de porta”. Contou que hoje mantém um relacionamento mais próximo com Graziela, pois quando ela era alcoólatra a filha tinha vergonha, não contava para os amigos que ela era sua mãe. Aprofundemos um pouco mais na história de Rita com sua família.

4.2 A família - “Eu era a ovelha negra da família”

Rita vem de uma família pobre e numerosa (dez filhos), pai alcoólatra, mãe também envolvida em problemas com a bebida. Dos dez filhos, cinco ainda têm ou já tiveram envolvimento com o álcool. O pai veio da roça para ganhar a vida em Belo Horizonte. A mãe veio em seguida com os quatro filhos nascidos até então. Rita é a filha mais velha das mulheres e a sétima na ordem de nascimento. O pai era pedreiro e mãe cuidava dos filhos e da casa.

As lembranças da infância:

E que eu me lembro da minha infância nós apanhava demais. Que meu pai dizia e minha mãe ficava desesperada do meu pai e daquele jeito dele. Todo dinheiro que meu pai ganhava ia pro buteco... custava muito pra levar o alimento pra casa, passando muita necessidade. Não tinha roupa, não tinha sapato. A mãe, naquele desespero, né? Daí começa a beber também. [...] E minha mãe começou a beber cachaça (Rita).

Sobre a lembrança do “apanhar” na infância, Rita a remete principalmente à lembrança de sua mãe. O pai, mesmo alcoólatra, era menos agressivo, como conta.

O aprendizado, assim, foi muito difícil... Nós sofria demais. [...] tinha dia que eu tava na escola, a professora ensinando, eu falei assim “na hora que eu chego em casa hoje, mãe vai me bater”. Acho que minha mãe bebia demais. Minha mãe bebia e, sei lá, ficava violenta com nós dentro de casa. O meu pai, não, meu pai era calmo. O meu pai quando bebia, ele caía, urinava todo, mas dormia. E minha mãe era violenta (Rita).

A mãe a colocou para trabalhar ainda nova, em serviços domésticos, nas casas de outras pessoas. Rita recorda os fatos e os relata com a mesma reminiscência da mãe agressiva.

Quando eu tinha sete anos, minha mãe me colocava aí pra lavar panela, lavar roupa dos outros. Aí, teve um dia que eu cheguei em casa coçando a cabeça, né [...] nós era uma piolhada, uma bichaiada, era uma misera né. Aí eu lembro que eu cheguei em casa assim, coçando a cabeça: “Mãe, dona Madalena me bateu com a panela na cabeça.” Minha mãe falou: “Porque ela te bateu?” “Ah, ela disse que eu não lavei a panela direito”. “Bem feito! Cê quer apanhar mais?”. E me dava mais panelada na cabeça (Rita).

Rita também aborda o medo que sentia da mãe, medo de chegar em casa após a volta da escola quando de uma nota ruim, medo dos pais alcoólatras, medo de como poderia encontrá-los: “O filho de alcoólatra cê sabe como é que é. Nós tamo ali na escola, mas nós tamo pensando como vamos chegar em casa e encontrar nossos pais. **Medo, medo de chegar em casa**”.

Segundo Rita, sua mãe remetia a ela como a ovelha negra da família, quando da época de sua gravidez: “Que lá em casa minha mãe falava que eu era ovelha negra da família, quando eu engravidei”. Este tratamento, essa tentativa de rebaixamento do outro, no caso de Rita, é também lembrado em relação a Lúcia, a ex-patroa, Rita contava que também era agredida nesse sentido: “você é pau torto. Não tem conserto”. “Galho torto”. Sobre a mãe, conta, ainda:

Desespero era aquela mulher nervosa. Tudo pra ela tava ruim. Tudo que eu fazia não tava bom. Chegava e falava que eu apanhei de outra pessoa, ela falava: “Bem feito”. Tá entendendo? Que hoje, quando alguém bater na Graziela, eu vou atrás. Que a gente, né, quer defender as cria, mas pra minha mãe, não... Hoje eu entendo por causa do alcoolismo... [...] Então, e era assim. Não era só comigo, não; era com todos. Meus irmãos chegavam “Mãe, fulano me bateu” “Bem feito! Tem que apanhar mesmo. Cês não vale nada.” E jogava essas coisas na cara da gente. Assim “**cês não vale nada. Eu não sei pra que que vocês foram nascer**” (Rita).

Os pais faleceram há cerca de doze anos. A mãe faleceu primeiro e o pai logo em seguida. Em ordem inversa, contou que quando o pai parou de beber, ao entrar para os Alcoólicos Anônimos, a mãe interrompeu também o uso de bebida em seguida. Afirmou que o amor do casal era enorme.

Mostra-se ressentida e, por vezes, culpada por não ter perdoado o pai ainda em vida por ele a ter expulsado de casa e a mãe por não ter dito que a amava. Contou que carregou por muito tempo uma carta que a mãe lhe deixou antes de morrer onde dizia: “Minha filha, eu sempre te amei, desde quando você estava dentro de mim. Eu só não sabia demonstrar esse amor por você”.

Dos irmãos dependentes químicos, disse que um deles é também viciado em cocaína e que isso a faz sofrer. Contou que o irmão homossexual só assumiu sua sexualidade após a morte dos pais e que sobrinhos também se assumiram da mesma forma.

Interessante destacar que Rita parou de beber um dia depois do aniversário de seu pai. Sobre seu período de alcoolismo, relatou que se sentia “**morta espiritualmente**”.

Mas eu já estava morta espiritualmente. Aquela tristeza, aquela depressão que eu estava sentindo, aquele vazio, uma dor que eu sentia na alma, uma dor [...] sabe, aquela dor, aquele vazio, é porque eu tinha assim... É que nem eu falo: eu tinha morrido espiritualmente. (Rita)

4.2 As dependências: química, afetiva e laboral

A “morte espiritual” mencionada por Rita parece estar presente em sua vida não apenas nas cenas do alcoolismo, mas também em todas as outras nas quais ela se posiciona em situações de dependência, em destaque as cenas familiares e as de trabalho, tão entremeadas em sua trajetória. Os vazios de Rita construídos na cena familiar são por ela preenchidos nessas duas situações: trabalho e bebida. Rita recorreu à bebida desde bem cedo, ainda na adolescência, como manejo para lidar com as situações que a ela se apresentavam na época. Certamente, os motivos relacionados a um caso de alcoolismo são altamente complexos e vão além das relações que por ora apresentamos. No entanto, atemo-nos aqui aos fatos trazidos por Rita e ao que me foi possível recolher de sua história nos encontros tivemos, o que não restringe nem diminui a análise aqui pretendida.

Para enfrentar as situações de violência vivenciadas em casa, Rita recorria à bebida. Além disso, ela repetia o modelo que vivenciava em casa, o dos pais alcoólatras. Era o modo de escape e de lidar com a vida que ela “aprendeu” enquanto criança diante das atitudes dos pais. Pode-se pensar, de certa forma, que não há um rompimento desse padrão. Ela repete em sua vida a história dos pais (talvez mesmo até como forma de obter o amor destes), e a repete também com sua filha. A situação de violência e de agressividade familiar é ampliada quando ela é expulsa de casa, o que a faz recorrer ainda com mais intensidade à bebida alcoólica. É importante destacar que a precariedade dos vínculos familiares de Rita é, em grande medida, reforçada nas problemáticas sociais: pobreza, falta de acesso à educação e a uma série de serviços básicos necessários a uma condição digna de sobrevivência. Família numerosa, miséria, desigualdades econômicas e sociais escancaradas e marcadas em Rita no serviço como doméstica (pela diferença entre sua condição e a condição da patroa Lúcia, que tinha boas condições econômicas financeiras), além de toda uma série de fatores que ainda balizam a maioria do povo brasileiro, são fortes colaboradores nas situações experienciadas por este sujeito em sua história. “Nenhum médico jamais me disse que a fome e a pobreza podem levar ao distúrbio mental. Mas quem não come fica nervoso, quem não come e vê seus parentes sem comer pode chegar à loucura” (trecho do filme “Bicho de Sete Cabeças”).

O trabalho como empregada doméstica era a possibilidade que estava ao mais fácil alcance de Rita em sua trajetória. Nela, Rita se deparou com uma patroa que se apresentou como a substituta, seja da mãe agressiva, seja da mãe pobre, pela oportunidade de oferecer-lhe condições de vida para além da miséria e da pobreza às quais ela estava habituada. Com todos esses ganhos, Rita se posicionou em uma situação de dependência na cena profissional, assim como a dependência da bebida. Era um vínculo precário, por todas as condições objetivas que o engendram (baixo salário, sem registro profissional em carteira de trabalho, moradia na casa

dos patrões, sem gozo genuíno de férias, etc). No caso de Rita, ainda mais precário, tendo em vista o vínculo afetivo que a mantinha nessa situação. Tal vínculo afetivo a aprisionava na situação de filha/empregada. A precariedade de seu vínculo seria, então, reflexo de sua precariedade também enquanto sujeito – sujeito frágil em relação à bebida e à condição de trabalho. Em relação a seu vínculo com o trabalho como doméstica, Rita ainda se mostra como uma criança que procura a mãe, que anseia por seu amor.

Nessa dinâmica, Lúcia se encaixou perfeitamente nos sintomas de Rita: assumiu o papel da mãe, levou Rita para casa e a aceitou como sujeito dependente (da bebida e na vida em geral). Essa dependência a atendia de certo modo, pois assim ela podia manter o vínculo com a filha/empregada doméstica. É como se no trabalho de doméstica Rita não tivesse a possibilidade de romper seus fantasmas infantis, ligados à dependência alcoólica e à situação de filha abandonada. Ela continuava a encenar a situação da filha na busca pelo amor da mãe. A manutenção dessa situação de dependência é corroborada por Lúcia. Por vezes, o que se percebe no discurso de Rita é um quadro em que as duas se misturam. É como se uma se apropriasse da vida da outra. Como exemplo, cita-se a filha de Rita, cujo nome é escolhido por Lúcia, assim como sua criação. Do outro lado, Rita relata um episódio que merece ser destacado:

Teve um dia que ela falou comigo assim: “Ó, Rita, nós vamos pra Lagoa Santa”. Não, Sete Lagoas, que eles iam ser padrinhos de um pessoal que ia casar. Aí, tá. Foram. Só que na metade do caminho o carro do meu patrão estragou. Aí, na hora que ele foi descer, ele enfiou o pé na lama, e foi uma confusão. Ele falou: “Ó, Lúcia, vamos avisar que nós não vamos poder ir ser padrinhos, não, porque nós, carro estragado, nós tamo tudo sujo”. Minha patroa já tinha molhado o cabelo dela todo que ela tinha arrumado no salão. “Então, vamos voltar”. [...] E sabe o que eu fiz?! Eles saíram de casa sexta-feira e iam voltar só no domingo. Aí, eu peguei e falei assim: “Vou dar uma faxina nessa casa, que não sei o quê. Aí, vou tomar uma caipirinha”. Peguei uma pinga, limão, açúcar, gelo e comecei a beber. Aí, eu fui indo, fui indo, me deu um fogão assim, sabe?! Um fogo, menina. Falei: “Você quer saber?! Eu vou descansar um tiquinho. Depois eu acabo o serviço, porque não tem ninguém em casa mesmo. Se eu não fizer hoje, eu faço amanhã”. Pra você ver a irresponsabilidade. Aí, eu peguei, dormi. Quando eu acordei, eu tô escutando uma voz: “Rita! Ó, Rita!” **Eu tava dormindo na cama da minha patroa. Tinha vomitado a cama dela toda.** E a vergonha?! E ela lá falando: “Rita!” Quando eu abri o olho assim, ela falou: “Ó, Rita, que que tá acontecendo aqui em casa? Toda escura?” Isso aí era umas onze horas da noite. Quando eles chegaram, tava tudo aberto, sabe?! A porta da sala aberta, janela, e eu toda vomitada. Eu imagino. De vez em quando, eu olho pra ela com muita vergonha das coisas que aconteceu comigo no alcoolismo na casa dela, que ela nunca falou nada comigo, não. Ela falou: “Ó, minha filha, vai tomar um banho”. Aí, me levou no banheiro, me deu um banho, me deitou eu lá, minha cama lá. Não tocou mais no assunto. E a vergonha depois pra entrar dentro de casa?! Eu fui lá, um dia, falei assim pra ela: “Dona Lúcia, eu não vou ficar mais na casa da senhora, não. Eu vou embora”. Ela: “Por quê? Eu te fiz alguma coisa, Rita?” “Não que eu não vou ficar aqui, não, que é vergonha demais, sabe?!” Porque na hora que abri o olho, tava ela, meu patrão e os dois filhos, fiquei sem sabê aonde enfiar a cara. Se eu falasse que não tinha bebido, a prova tava ali na cama dela, toda vomitada. O quarto tava exalando álcool. Aí, eu fiquei com muita vergonha. Ela falou: “Por quê? Eu te dei motivo pra você ir embora? Por que que você quer ir embora?” E ela teve essa paciência comigo e nunca tocou no assunto (Rita).

A cena em que Rita é encontrada dormindo na cama de Lúcia exemplifica bem essa situação de “mistura” da vida das duas e, mesmo, o desejo de Rita de se apropriar da condição de Lúcia. De outro lado, a cama também pode significar aconchego, o aconchego de mãe, da cama da mãe.

O atual emprego de Rita na empresa representa a possibilidade de rompimento desse vínculo, que a coloca em uma situação “menor”. As condições concretas do trabalho em uma organização permitem a Rita maior profissionalização em sua atividade, o que colabora para um corte em seu posicionamento de filha/dependente, afetiva e socioeconomicamente, como no emprego como doméstica. A possibilidade de crescimento hierárquico dentro da empresa é também um fator que corrobora nesse sentido. Ainda assim, nesta atividade, Rita mantém resquícios dos posicionamentos outrora construídos ao longo de sua trajetória, fato percebido quando ela descreve sua atual patroa e diz que elas têm um ótimo relacionamento, que são “como irmãs”. De toda forma, mesmo com essa repetição, esta atividade é bastante significativa em seu processo de rompimento com as figuras paternas/patrões.

O trabalho no AA é uma atividade que merece ser bastante destacada na trajetória de Rita, pois é a partir dele que Rita interrompe o uso de bebida. A interrupção da bebida, **a saída da dependência química, está correlacionada à saída do seu posicionamento de dependência de filha** e se inicia nesta experiência. Sobre os mecanismos relacionados ao AA que contribuem para melhorar o quadro de dependência química, podem-se citar vários. No entanto, ater-se-á aqui aos pontos que se relacionam ao objeto de investigação deste trabalho: a troca estabelecida no grupo e a atividade de trabalho desempenhada por Rita nesta instituição.

As trocas no grupo de alcoólicos anônimos são os momentos em que Rita tem a possibilidade de estabelecer relações mais genuínas com seus pares, seja pelo compartilhamento de experiências similares, seja pela autenticidade de expressão que é permitida neste espaço. Nessas condições, é possível inferir que Rita se estabelece ali em espaços autênticos de solidariedade. Este espaço é também onde Rita desenvolve ainda hoje parte de suas atividades profissionais. Na sede do AA de Minas Gerais, membros de grupos de AA estão envolvidos em diversas atividades profissionais ligadas ao desenvolvimento desta instituição e baseiam-se para o desenvolvimento destas atividades em preceitos da autogestão. É nestes espaços (como trabalhadora no AA, como membro de AA e no trabalho na empresa) que Rita inicia e dá continuidade ao seu processo de rompimento com a bebida alcohólica e com Lúcia, pelo fim do emprego de empregada doméstica e da posição infantil mãe-filha engendrada nesta situação. A conquista da autonomia de Rita se constrói em sua busca de rompimento com estas três situações, que estão diretamente interligadas:

Saída da posição infantil \longleftrightarrow parar de beber \longleftrightarrow mudança de emprego

Por fim, sobre a colocação de Rita de que: “os alcoólatras são os melhores trabalhadores”, há uma gama de possibilidades de reflexões a respeito. No caso dela, o que a faz ser a “melhor trabalhadora” se relaciona à sua dependência (química e afetiva), que, por sua vez, está ligado à sua busca de amor e de reconhecimento, busca essa que engendra na cena laboral. Nesta posição, ela irá dar “tudo de si” para obter amor e reconhecimento, ainda que essa busca a mantenha em sua posição de dependência e submissão, seja aos patrões, seja à bebida alcohólica.

5. À guisa de conclusão: Rita e a(s) organização(ões)

A história de Rita nos permite trazer para o debate nos Estudos Organizacionais uma série de questões. Uma delas, que consideramos fundamental destacar aqui, relaciona-se à apresentação da singularidade desse caso, que traz elementos concernentes a aspectos importantes de serem ressaltados: a condição da mulher na cena de trabalho (especificamente em uma atividade com significativas particularidades como a da empregada doméstica) e, em destaque, a questão da toxicomania também nesse cenário.

Sobre a relação entre a toxicomania e o trabalho, o que observamos é que são dimensões diretamente interligadas, e que a compreensão de uma dá sentido à outra e vice-versa. Também observamos, que ambas as dimensões apresentam a dialética prazer-sofrimento, que atravessa tanto as vivências com o trabalho, como as vivências com as drogas, no caso de Rita, o álcool. Conforme destaca Mendes (1995, p. 38), “o estudo dos aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho não pode desprezar que as vivências de prazer-sofrimento decorrentes da organização do trabalho são dialéticas, e por isso não podem ser estudadas separadamente”. Essa dialética também permeia a vivência com a droga, que atua de maneira complexa enquanto fonte de prazer e de sofrimento nas construções psíquicas do sujeito.

Sobre as vivências de prazer e sofrimento experienciadas por Rita, destacam-se ainda as relações que a mesma estabelece com a(s) organização(ões) de trabalho. Mendes e Araújo (2011) apontam que a condição de sofrimento é estimulada e potencializada pelo modo de organização do trabalho originado da flexibilização do capital. As autoras destacam que estes cenários corroboram com a manutenção do princípio de prazer, do que nele há de produção de subjetividades narcisistas e/ou perversas, que têm dificuldade para lidar com o sofrimento inevitável do confronto com o real do trabalho. A dificuldade desse confronto irá culminar em defesas e patologias que serão acionadas para fazer frente a essa situação, como a sobrecarga, a violência e a servidão. Trabalhos precários e outras diversas situações adversas podem também desencadear nos mais diferentes sujeitos, independente dos princípios pelos quais seu psiquismo está sendo regido, defesas e patologias similares às acima citadas. Para a compreensão dessa dinâmica, é importante analisar a articulação entre psíquico e social e explicar de que forma a organização de trabalho colabora para que o sujeito se constitua em sua identidade. “A organização do trabalho pode neurotizar os sujeitos, assim como os neuróticos podem ser salvos ou arruinados pelo trabalho” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 32).

No caso de Rita, percebe-se a organização (seja do trabalho como doméstica, seja em sua atividade de emprego atual) enquanto suplência a outras situações primárias ligadas a suas carências afetivas familiares. Mendes e Araújo (2011) abordam a questão do desamparo e da servidão nas organizações de trabalho. O desamparo se relaciona à necessidade do outro e diz respeito a características próprias das subjetividades dos sujeitos, que tendem a serem negadas na contemporaneidade, época que estimula o individualismo e a solidão. O que ocorre no caso das organizações é que estas prometem ao trabalhador não desampará-lo em troca da sua servidão. Assim, o trabalhador se aprisiona na organização em troca de sua proteção, “que muitas vezes remete à ideia do paraíso perdido ‘por sua majestade, o bebê’, como dito por Freud” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 39). No caso de Rita, sua submissão e sua servidão às organizações de trabalho com as quais a mesma se deparou ao longo de grande parte de sua vida, com destaque para o trabalho como empregada doméstica, são frutos de sua busca pelo não desamparo, para não ser novamente abandonada, como no passado, por sua família que a expulsou de casa.

A busca pelo não desamparo da organização remete a outra situação na qual o sujeito “se torna prisioneiro em um paraíso ilusório, no qual o ego ideal equivale a um **ego organizacional**” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 29). Tal situação também esclarece as relações de Rita com a organização, pois, para não ser desamparada, busca obedecer aos exigentes padrões do ego ideal^{IV} - no caso da cena de trabalho, ao ego organizacional. Essa questão refere-se a sua busca de responder o mais fidedignamente possível às exigências das patroas e de buscar permanecer no ideário que elas construíram a seu respeito (característico da relação mãe-filha). Neste cenário, é também possível entender um dos papéis da bebida em sua vida: válvula de escape às interposições de um superego altamente exigente, característica do sujeito neurótico.

Enfim, gostaríamos de destacar também a metodologia de história de vida utilizada nesse artigo. Nessa, conforme já ressaltamos, é a história o material de destaque, foi a história de Rita nosso material de primeira categoria. Essa via nos permitiu o aprofundamento necessário para a compreensão da problemática apresentada, e por fim, para o entendimento das inúmeras possibilidades de relações que os indivíduos podem ter, não apenas com as organizações de trabalho, mas com as organizações sociais em geral (o que inclui a família e demais grupos sociais), organizações estas que o cercam, habilitando ou interditando suas transformações enquanto sujeitos.

6. Referências bibliográficas

- BARROS, V. A.; MIRANDA, M. A. História de vida, experiência e engajamento militante (*em vias de publicação*).
- DEJOURS, C. A metodologia em psicopatologia do trabalho (1987). In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (orgs) **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008.
- DEJOURS, C. *Addendum* Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho (1993). In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (orgs) **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008.
- CARNEIRO, H. S. As drogas e a história da humanidade. *Psicologia Ciência e Profissão*. **Diálogos**. Ano 6, n. 6, nov/2009.
- FERRAROTTI, F. **Histoire et histoires de vie**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.
- GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- KARAM, H. O Sujeito entre a alcoolização e a cidadania: perspectiva clínica do trabalho. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 25 (3), p. 468-474, set./dez. 2003.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MENDES, A. M. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: As contribuições de C. Dejours. **Revista Ciência e Profissão**, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995.
- MENDES, A. A.; ARAÚJO, L. K. R. **Clínica psicodinâmica do trabalho: práticas brasileiras**. Brasília-DF: Ex Libris, 2011.
- MOLINIER, P. **Les enjeux psychiques du travail**. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2006.
- MOLIVI, P. R. S. **Álcool e Drogas no Trabalho**. Disponível em <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/alcool-e-drogas-no-trabalho/12188/>. Acesso em 09 abr. 2011.
- OLIVEIRA, M. B. **Leitura analítico-comportamental da proposta de intervenção terapêutica em entrevista motivacional para dependência química**. 2007. 107f. Monografia (Especialização em Terapia Comportamental) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ⁱ Na referência citada Dejours (1987) ainda utilizada o termo *psicopatologia do trabalho*, que será substituído posteriormente por *psicodinâmica do trabalho*.

ⁱⁱ Do francês “enjeux psychiques”.

ⁱⁱⁱ Do francês “enjeux sociaux”.

^{iv} O ego ideal corresponde a uma formação intrapsíquica que diz respeito a um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil (LAPLANCHE, 2001).